

## MANOEL CONCEIÇÃO SANTOS: de camponês a líder político

*Raimundo Lima dos Santos*

Mestrando em História – UFG

Bolsista do Fundo de Apoio à Pesquisa do Estado do Maranhão – FAPEMA

**RESUMO:** Este texto retrata parte da história de um camponês maranhense chamado Manoel Conceição Santos, um dos maiores articuladores da luta camponesa em resistência ao regime militar no país. Começou organizando o sindicato de trabalhadores rurais no vale do Pindaré-Mirim, no Maranhão, posteriormente contribuiu na organização de entidades importantes no cenário nacional como a Central Única dos Trabalhadores - CUT, o Partido dos Trabalhadores – PT e o Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural – CENTRU. Por suas ações foi perseguido, preso e torturado na ditadura militar. No exílio em Genebra, se engaja, juntamente com outros exilados, na luta contra governos repressivos. Após três anos fora do Brasil, retorna e dá continuidade, até os dias atuais, a luta em favor de uma sociedade justa. Trabalha com associações e cooperativas, desenvolvendo atividades que visam o aperfeiçoamento dessas organizações e o bem-estar dos trabalhadores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Manoel da Conceição, trabalhadores rurais, ditadura, justiça social.

**ABSTRACT:** This paper portrays the story of a peasant named Manoel Conceição Santos, one of the largest organizers of the peasant resistance to the military regime. He started organizing the union of rural workers in the valley of Pindaré-Mirim, in Maranhão, later helped in the organization of entities important in the national scene as the CUT, the Party of Workers and CENTRU. By their actions was persecuted, arrested and tortured in military dictatorship, in exile in Geneva, where engages, along with other exiles, in the fight against repressive governments. After three years out of Brazil, and returns to continue, until the present day, struggle for a more just society. He works with associations and cooperatives, developing activities aimed at the further development of these organizations and the welfare of workers.

**KEY-WORDS:** Manoel da Conceição, rural workers, dictatorship, social justice.

## Apresentação

O gênero biográfico surge no século XVIII, na perspectiva de evidenciar o indivíduo como agente importante diante das forças sociais. Na abordagem positivista esses indivíduos passaram a ser percebidos como figuras centrais na história, de forma a negar a importância dos demais na construção dos eventos sociais. Com a supervalorização desse personagem “único”, o conjunto perdeu força e a história ficou centrada em poucos nomes. Rompendo com essa tradição, o marxismo atribuiu aos grupos ou classes o papel de mover a história, mas suprimindo a importância da pessoa enquanto agente fora da estrutura.

Na tentativa de encontrar uma conexão entre indivíduo e sociedade, a nova biografia, após algum tempo praticamente fora do cenário historiográfico, retorna. Com uma nova perspectiva, procura valorizar o papel da pessoa como alguém capaz de interferir na história sem ser o único responsável. Portanto, nem só a estrutura nem só o indivíduo.

Novas técnicas e métodos da história, como os empregados pela história oral (SCHIMIDT, 1997: 121) têm sido de grande importância para esse retorno, uma vez que ampliou o horizonte das fontes históricas: memórias, diários pessoais, fotografias, correspondências, dentre outros recursos.

Os estudos biográficos ressurgem como forma de explicação social, a partir de elementos particulares. O indivíduo representa parte do conjunto social e entender o “percurso” dos indivíduos pode ser bastante esclarecedor para a compreensão de determinados eventos sociais. *“É por isso mesmo que se pode conhecer o social partindo da especificidade irreduzível de uma prática individual”* (SCHIMIDT, 1997: 121). Nesse prisma pretendemos localizar nosso personagem, como alguém capaz de expressar parte de uma realidade sociopolítica sem deixar de considerar o papel dos outros indivíduos e da estrutura.

Outro elemento a ser considerado é a clareza de que a biografia não apresenta a totalidade do indivíduo, ela apenas escolhe aspectos que se expressam com mais força, dando uma ideia de totalidade, sem jamais sê-lo. Bourdieu afirma que tentar compreender a vida dessa forma linear é absurdo (BOURDIEU, 1996: 74-75), por isso ele usa o termo ilusão biográfica para designar esse percurso claro e retilíneo. Quando se escolhe determinados aspectos da vida de uma pessoa, não se pode esquecer que uma infinidade de outros pontos são “esquecidos” ou ignorados: o que não se fala dessa pessoa é sempre a maior parte do que ela é.

É preciso ter clareza de que quando escolhemos um determinado percurso “lógico” sobre uma pessoa, os pontos negativos ou não virtuosos não deixam de existir, eles apenas são silenciados para que não “atrapalhem” o percurso que tentamos construir. Esse percurso ganha sentido como se fosse o único, no entanto, poderíamos eleger infinitos outros roteiros com a mesma finalidade de singularidade. Tendo isso em vista, traçamos um roteiro político para compreender Manoel da Conceição a partir da menor parte de suas ações políticas. Isso não invalida ou enfraquece o trabalho, apenas reconhece as limitações inerentes à “ciência” histórica.

### **A construção do militante**

Manoel Conceição Santos nasceu em 1935 na região de Pedra Grande, no Estado do Maranhão. Sua vida é marcada pela pobreza, fruto da exclusão político-econômica, nos tempos semelhantes ao do coronelismo, em que o “compadre” da comunidade faz os “favores”, em troca da aceitação de possuir a maior parte das terras locais. Além disso, detém o poder de mandar, de escolher, de excluir, cristalizando relações sociais marcadas pelas enormes diferenças.

Aprendeu a profissão de ferreiro com o pai, mas sua vocação maior foi, a vida toda, a de trabalhador da roça. Uma das coisas que mais lhe indignou, segundo ele <sup>1</sup>, no decorrer de sua vida, esteve relacionada ao impedimento de trabalhar no que tanto gostava: a lavoura; da mesma forma ocorrendo com milhares de pessoas em sua época e região. Conheceu a primeira expulsão de terra no início da década de 50, quando um só homem titulou uma grande área (prática comum na região), abarcando a terra de várias famílias trabalhadoras rurais, entre as quais incluía-se a dos pais de Manoel da Conceição. O “dono” da terra alegou que, titulando a área toda, dava mais segurança a todos. As pessoas, movidas pela falta de conhecimento jurídico, pelo pouco valor que davam ao documento formal como fator de legitimidade da posse e pelo sentimento de consideração pelo “compadre”, aceitaram a proposta. Por algum tempo não houve problema algum, até o momento em que o “dono” da terra faleceu; a viúva expulsou todas as famílias de suas próprias terras, com a alegação de não terem documento das propriedades. Dessa forma, cada família expulsa teve que seguir seu próprio rumo incerto <sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Entrevista concedida a Raimundo Lima dos Santos, em 25 de agosto de 2005, no CENTRU, Imperatriz.

<sup>2</sup> *Diário de Pernambuco* – Recife, sexta feira, 06 de agosto de 1982. p. 03.

A família, conseqüentemente o próprio Manoel, conheceu essa situação por mais de uma vez. Entre uma expulsão e outra, sua família chegou à cidade de Pindaré-Mirim no Maranhão em 1962. Mais ou menos nessa época, começou a participar de um curso, visando a formação sindical e cooperativa através do Movimento de Educação de Base (MEB). Com isso, Manoel se afasta da igreja evangélica, na qual chegou a ser professor na escola dominical e auxiliar de pastor, aproximando-se definitivamente da Igreja Católica. Seu envolvimento tornou-se cada vez mais intenso nas lutas sindicais, especialmente na esfera da luta camponesa.

Nas palavras do próprio Manoel, ele era um homem revoltado, mas ainda não tinha uma causa pela qual lutar, o envolvimento com as discussões políticas foi-se inserindo na reflexão e na ação para mudanças da sociedade. Uma de suas primeiras atuações de impacto, como liderança camponesa, foi a criação de escolas sindicais. Com a ajuda de outros trabalhadores rurais criaram 28 escolas com o intuito de alfabetizar os trabalhadores da região de Pindaré. Despertado um nível de reflexão mais profundo, evidentemente o objetivo não seria apenas alfabetizar para decifrar os códigos da nossa linguagem, mas o desenvolvimento de uma leitura do mundo, da realidade cotidiana dos trabalhadores e trabalhadoras rurais.

Não por coincidência, Manoel da Conceição, como ficou conhecido até hoje, encontrou um grupo de trabalhadores dispostos a fazer a luta por um “mundo melhor”, em defesa dos interesses dos trabalhadores pobres. Por conta disso, fundaram o primeiro sindicato de trabalhadores rurais de Pindaré-Mirim, no qual Manoel foi o primeiro presidente. Nessa região, o conjunto de militantes chegou a aglutinar 100 mil trabalhadores rurais, sendo grande parte deles, atuantes em entidades “classistas”.

Quando instaurou-se o golpe militar em 1964, só no sindicato de Pindaré “havia quatro mil camponeses que incomodavam bastante os fazendeiros da região”,<sup>3</sup> que não se conformavam com a concentração das terras e suas conseqüências. Surge aí um ponto de partida para vários conflitos entre os trabalhadores e o governo, nas esferas municipal, estadual e federal.

Manoel trabalhou intensamente na campanha para derrubar Vitorino Freire, na época, governador do Estado do Maranhão e uma espécie de patriarca, perpetuado há 15 anos no poder. Conceição não imaginou que pagaria tão caro por isso. José Sarney, então candidato a governador, fez um discurso denunciando as epidemias no estado, o desemprego, a miséria e a fome, prometendo resolver esses problemas no estado e

---

<sup>3</sup> Entrevista concedida a Raimundo Lima dos Santos, em 25 de agosto de 2005, no CENTRU, Imperatriz.

---

propondo-se a apoiar os trabalhadores rurais contra os fazendeiros. Baseado nesse discurso, favorecido pelo caos que vivia a sociedade maranhense, o “jovem promissor” e, ainda desconhecido, tornou-se governador com o apoio dos trabalhadores rurais.

Um dos problemas mais comuns entre trabalhadores rurais e fazendeiros na cidade de Pindaré, se dava com o gado invadindo as roças dos camponeses, comendo o arroz, o feijão, o milho, dentre outros plantis, além de destruir o restante. Cansados dessa situação, Manoel e outros trabalhadores se juntaram e decidiram denunciar ao prefeito da cidade. Conseguiram, através de pressões, uma lei municipal que coibisse essa prática. Aos trabalhadores cabia apenas denunciar quando o gado invadisse suas terras, para que a prefeitura tomasse providências. Na prática a lei não funcionou, continuando por impunes os criadores de gado <sup>4</sup>.

Foi nesse momento que Manoel da Conceição e os outros trabalhadores rurais resolveram tomar suas próprias atitudes, matando o gado que destruía as roças, a carne era dividida entre as famílias. Com essa atitude “o sindicato passa a chamar a atenção das autoridades”. Logo após o Golpe Militar, o Governo manda fechar o sindicato, colocando-o na clandestinidade. Sabendo da resistência, o governo utiliza vários recursos para tentar intimidar os trabalhadores, principalmente a violência física como as comuns prisões e espancamentos ocorridos.

Mané, como gosta de ser chamado, foi uma das mais perseguidas vítimas do Regime Militar em Pindaré e, mesmo, no Brasil. Como presidente do sindicato, já pela segunda vez, trouxe um médico para sua cidade, objetivando inibir algumas doenças, principalmente a temida e incômoda malária. Logo no primeiro dia de consulta de João Bosco, médico de São Luís, a polícia chegou invadindo o local e atirando. O presidente do sindicato, Manoel Conceição, irritado com a situação, chegou a se agarrar com um sargento da polícia, derrubando-o no chão. De repente, outro policial chegou atirando em Manoel: foram três tiros de revólver no pé esquerdo e dois tiros de fuzil no pé direito, seu membro ficou tão mutilado que não foi possível recuperá-lo <sup>5</sup>.

O fato da não recuperação não se deu apenas pelos tiros em si, como também por causa da negligência no atendimento médico. Passou sete dias na cadeia sem nenhum tratamento adequado, a infecção chegou num ponto tão crítico que a perna teve que ser amputada próxima ao joelho. Foi obrigado a submeter-se a uma perna mecânica. Nessa época foi transferido para a capital do estado, São Luís, a mando do próprio Sarney, agora

---

<sup>4</sup> Requerimento de Manoel Conceição Santos à Comissão Especial da Lei Estadual. 10.726/2001.

<sup>5</sup> *Teoria e Debate*. Revista Bimestral da Fundação Perseu Abramo – Ano 18 n. 06. fev/mar 2005. p. 53

---

seu inimigo político. Foi conveniente que o governo fizesse isso, pois toda região ficou agitada com a prisão do camponês. A própria polícia estava com medo dos camponeses invadirem a delegacia e matar os policiais<sup>6</sup>, o prefeito ouvia boatos de vingança.

Isso foi um dos principais motivos para sua viagem à capital. Essa transferência foi feita de avião, pois visava o mais rápido possível amenizar a situação. O policial que havia atirado no pé de Manoel da Conceição, com medo de represália dos camponeses, afirmou que tinha sido o prefeito e o José Sarney que mandaram fazer tal ato.

Além do tratamento médico, segundo Manoel da Conceição, Sarney ofereceu cargos políticos e dinheiro em troca de apoio, mas a proposta foi rejeitada. Amputada a perna e feito o tratamento, depois de alguns meses Manoel resolve voltar para a sua cidade, junto aos trabalhadores rurais. Os que pensaram que uma perna a menos seria motivo para intimidação, não contaram que isso serviu como um motivo a mais para intensificar a luta em defesa dos trabalhadores. “Minha classe é minha perna”, esse foi o lema de Mané, que ficou internacionalmente conhecido.

No ano seguinte sua perna ainda não estava completamente recuperada, então os trabalhadores fizeram uma arrecadação para um tratamento melhor na cidade de São Paulo. Na mesma época, por meio de entidades esquerdistas no âmbito nacional, Manoel realizou uma viagem para alguns países da Europa, Oriente Médio e China. Nessa viagem passou nove meses, na qual fez um curso de guerrilha na China. Visitou o país observando sua experiência política, chegou a ser recebido por Mao Tsé-Tung, um dos principais líderes da revolução comunista chinesa ocorrida em 1949.

Essa viagem pelo exterior, principalmente pela China, amedrontou alguns setores da elite conservadora no Brasil, por se tratar de uma época em que o mundo estava dividido entre duas idéias políticas preponderantes: uma capitalista, liderada pelos Estados Unidos e a outra socialista, influenciada pela União Soviética. Pode-se dizer que a América Latina estava sob influência norte-americana, entretanto idéias socialistas estavam muito presentes em toda zona conhecida por terceiro mundo; por conta disso, além do Brasil, houve ditaduras no Chile, na Argentina, Peru, dentre outros países.

A viagem de Manoel da Conceição à China significava, para o regime militar, uma possível proliferação das idéias comunistas no país, principalmente nas zonas mais castigadas pela concentração de riquezas e de privilégios no país. De fato significou e os meios de comunicação ligados à ditadura sabiam bem disso. Uma tentativa de aniquilamento da imagem de Manoel (e de todos com idéias parecidas) perante a opinião

---

<sup>6</sup> Entrevista de Manoel Conceição Santos à Helciane Araújo em 10/01/1992, CENTRU, Imperatriz.

---

pública fazia parte de um projeto de desaparecimento não só da imagem, mas do próprio corpo, como de fato aconteceu com milhares de lideranças em todo o país.

Podemos ver um exemplo de como um desses veículos o olhavam, basta observarmos este trecho da matéria apresentada por uma revista no início da década de 70:

[...] seu currículo vitae é uma escalada de crimes. Desenvolveu atividades subversivas no Vale do Pindaré, no Maranhão, a partir de 1962 [...] arregimentou bandos armados para a pilhagem, já sob a ação ideológica do terror. Atuou no Movimento de Educação de Base, organismo regido pelos comunistas. Chegou a ser membro, como analfabeto, da Comissão Central da Ação Popular. Fez curso de guerrilha no Nordeste. E foi então que espalhou a morte e o saque no sertão Maranhense, equipado com as técnicas importadas. Exterminava homens, animais, plantações. Assassina em sangue frio. O soldado Maurício Celso Rodrigues foi uma de suas vítimas<sup>7</sup>.

Matérias como esta eram constantemente veiculadas contra as pessoas que pregavam o fim do regime militar e, principalmente, contra os que pregavam um regime econômico solidário para o país. Manoel, apesar de ser trabalhador rural e analfabeto, exercia grande influência em meio a movimentos e entidades de trabalhadores rurais. Passou a ser conhecido não apenas no Maranhão e no Brasil, mas em vários países do mundo. O regime militar precisaria calar sua voz o mais rápido possível.

## A prisão

Mesmo a viagem para a China sendo feita clandestinamente e em segredo, o serviço secreto brasileiro descobriu. Quando Manoel retornou ao Brasil, para a cidade de Pindaré, retomou o trabalho de reorganização dos sindicatos, muitos fechados e suas lideranças presas. Dali em diante, de forma especial, o líder Manoel estava, sem muita surpresa, à espera de sua primeira armadilha do governo.

O ano de 1972 marcaria uma das fases mais difíceis da vida de Manoel da Conceição. A polícia prendeu um grupo de trabalhadores rurais coagindo-os a falarem contra Manoel. Pressionados, apresentaram versões que incriminavam a pessoa do líder camponês. Esse depoimento de um trabalhador rural demonstra como se deu essa armação:

[...] o declarante em vista do prometido, ainda participou de três reuniões desta natureza, pois era sempre convocado por meio de boletins datilografados, nos

---

<sup>7</sup> Revista *O Cruzeiro*, em 11 de outubro de 1972. p. 37.

quais constava o local da reunião que era sempre no mato; que na última reunião assistida pelo declarante, compareceu, para sua surpresa o senhor Manoel da Conceição Santos o qual passou a incentivar os lavradores até reunirem para derrubar o governo, dizendo entre outras coisas que nos outros países os camponeses viviam melhor, médicos ao tempo e a hora e outras vantagens que no Brasil nunca tiveram ou iriam ter; que, diante de tudo isto, como é natural, o declarante e outros lavradores ficavam entusiasmados (...) entretanto, está muito arrependido de ter ouvido Manoel Conceição Santos e que não tornará a tomar parte de reuniões dessa natureza, pois, assim que souber de tal virá logo avisar as autoridades [...] <sup>8</sup>.

Ainda que nenhum desses camponeses jamais denunciasse Manoel, foram muitos os depoimentos nos quais as pessoas se declaravam arrependidas de terem participado das reuniões. Sabe-se que os trabalhadores interrogados nessa época sofreram fortes pressões psicológicas e físicas, para falarem contra Mané. Uma vez não encontrando nada que o comprometesse na justiça comum, buscaram elementos para enquadrá-lo numa outra instância. O Regime Militar criou a Lei de Segurança Nacional, qualquer coisa que “ameaçasse” essa “segurança” seria fortemente combatida. Na prática, tratava-se de um mecanismo para acabar com qualquer proposta oposicionista no político, econômico ou cultural. Nessa perspectiva, toda a esquerda brasileira corria iminente perigo de ser extinta.

Manoel, ao levantar a bandeira para acabar com as desigualdades sociais, econômicas e políticas; por levantar a bandeira de uma sociedade justa, não poderia escapar à antipatia daqueles que fariam qualquer coisa para manter a situação de privilégios para as minorias. O objetivo era conseguir sufocar lentamente, até o completo fim, os grupos oposicionistas. De forma compassada, pretendiam ludibriar a opinião pública internacional.

O governo estava disposto a deixar Manoel da Conceição fora de cena. Mesmo não tendo nada comprovado contra a pessoa do líder sua pessoa foi que em seu poder foram encontrados materiais considerados subversivos sindical, insistia na proposição de que ele era subversivo e perigoso. Baseados nessa premissa prenderam-no numa cidade chamada Tufilândia, em janeiro de 1972. O ponto mais agravante contra como livros editados em Pequim (capital da China) em língua portuguesa, de autoria de Mao Tse Tung <sup>9</sup>.

Em outros documentos não foi encontrado nada consistente, apenas suposições e a alegação no sentido de colocá-lo como um homem perigoso que juntou bandos armados para fazer a destruição em vários níveis. A Secretaria de Segurança Pública na Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS), São Luís fez o seguinte documento:

---

<sup>8</sup> Secretaria de Segurança Pública do Estado. 17 de maio de 1972. p. 9.

<sup>9</sup> Essa informação foi extraída de um documento da Casa Militar, Subsecretaria de Inteligência, cedida em 1998 por meio de um pedido de Manoel.



Diante do exposto, sou de parecer, salvo melhor Juízo, terem os acusados iniciado nas penas cominadas pelos arts. 23 e 25 do Decreto-Lei nº 898 de 29.09.69 (dos Crimes de Segurança Nacional). Isto posto, como haja sobejas provas do fato delituoso e suficiente indícios da autoria (art.254 do CPPM) e escudado ainda na alínea D do artigo 255 do mesmo código de processo penal militar, solicito que seja decretada a prisão preventiva dos acusados Luís Morais dos Santos e Manoel Conceição Santos; haja vista ambos não terem documento certo, acrescendo mais o fato de já terem tentado fugir à ação da justiça quando foram detidos e indicados neste inquérito <sup>10</sup>.

Detido em junho de 1972, ficaria na capital, São Luís. Entretanto, imediatamente, levaram-no para o Rio de Janeiro, um local de tortura clandestino do governo. Nesse local passou alguns meses, nos quais sofreu as piores torturas possíveis. A primeira ação dos torturadores foi tirar a perna mecânica a fim de limitá-lo em movimentos simples. Segundo Manoel, era um local desumano, completamente inadequado para uma pessoa permanecer. Nas palavras do camponês:

[...] a coisa que mais me assustou foram várias caveiras dependuradas. Era uma coisa imunda os cidadãos com o couro seco, horríveis, com os olhos soltados. Os torturadores diziam que eram cadáveres de subversivos que se negaram a falar, diziam depois de algum tempo em que estivesse desaparecido, a opinião pública iria se esquecer de mim e eles me jogariam no mar ou na montanha [...]. Para comer, me deram apenas pão molhado em água, durante mais ou menos quinze dias. Eu tinha que fazer as necessidades fisiológicas no cubículo onde estava, e depois de alguns dias, não agüentava mais o mau cheiro. Nos primeiros dias me espancaram muito. Depois me penduraram pelos braços, e ataram o meu pênis com uma corda para que eu não urinasse [...] acordei num hospital. Depois do tratamento, voltei novamente para a tortura. Em quatro meses fui seis vezes ao hospital levado como morto. Numa vez saiu sangue do meu nariz, da orelha e da boca, e eu estava com o corpo cheio de manchas azuis e roxas [...] (SANTOS 1967: 221).

Essa cena, e muitas outras piores, se repetiram várias vezes. Quando Manoel se encontrava próximo de não aguentar mais, eles o levavam ao hospital, lhe davam banho de gelo para espalhar o sangue roxo provocado pelas pancadas. Uma vez o colocaram com outro preso político e Manoel pediu a ele que espalhasse a notícia de que ele estava nas mãos do governo. Até então ninguém sabia ao certo seu paradeiro, não sabiam se realmente estava vivo ou morto. Foi realizada uma intensa campanha em favor de sua liberdade (e de outros presos) em todo o país e em algumas partes do mundo. O governo esperou durante oito meses para que o povo esquecesse de Manoel para eliminá-lo, mas as organizações intensificaram cada vez mais sua campanha. As pessoas ligadas à Ação

---

<sup>10</sup> Em 10 de fevereiro de 1972.

---

Popular Marxista Leninista do Brasil comunicaram à Anistia Internacional, entidade que se colocou em defesa dos perseguidos por regimes ditatoriais pelo mundo.

A campanha em defesa de Manoel da Conceição chegou a várias partes do mundo, formaram-se vários comitês, especificamente 18 nos Estados Unidos, organizados por Igrejas Evangélicas; da mesma forma, a Igreja Católica em países da Europa: Inglaterra, Itália, Suíça, França e Alemanha. De todas essas localidades, enviavam-se cartas ao governo Médici, clamando pela liberdade de presos como Manoel da Conceição. Em uma dessas centenas de cartas que o governo recebeu, estava um telegrama enviado pelo Papa Paulo VI conclamando pela vida e pela liberdade do camponês maranhense.

Em 1975 o líder camponês saiu da cadeia, logo após ter sido condenado a três anos de prisão pela auditoria militar, além de ter os direitos políticos suspensos por uma década. Os direitos políticos não eram tão interessantes para Manoel naquele tempo, pois nem mesmo tinha documento para votar, quanto aos três anos de condenação, já estava há mais de três anos preso, o que restou foi sua libertação. Depois disso, a advogada de Mané recorreu ao Superior Tribunal Militar e lá não encontraram nenhuma prova das acusações que fizeram contra ele, foi considerado inocente. Logo após a liberdade, foi para São Paulo fazer um tratamento médico, pois os espancamentos, bem como outras formas de tortura, marcaram somática e psicologicamente a pessoa de Manoel da Conceição. Os hematomas com o passar do tempo foram recuperados, as cicatrizes na alma, jamais serão curadas.

Ao sair do hospital, foi morar na casa de alguns religiosos católicos, sob responsabilidade do presidente da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Na cidade de Osasco Manoel imaginou que dali por diante teria um pouco mais de paz e tranquilidade. Infelizmente, mais uma vez foi surpreendido: em um dia qualquer, inesperadamente, a casa dos padres foi invadida por dois homens desconhecidos. Foi levado direto para o DEOPS e colocado em uma cela, que mal cabia uma pessoa. Chegando lá foi, mais uma vez, barbaramente torturado. Apesar de ter sido menos intenso que outras vezes, sofreu bastante. Recebeu socos no rosto, no estômago, choques elétricos por todo o corpo. Toda essa sistemática forma de mutilação do corpo era acompanhada de muitas pressões psicológicas, repetindo-se por um período de 45 dias ininterruptos.

## **O exílio**

Ao sair do DEOPS Manoel ficou sob proteção das igrejas católica e presbiteriana, além da proteção da Anistia Internacional. Essas entidades prepararam todas as condições

---

necessárias à partida de Manoel para o exterior. Genebra, capital da Suíça, foi o local propício para Manoel se exilar, como de fato aconteceu em março de 1976. Antes de deixar o país, fez um desabafo em jornais e revistas brasileiros e a correspondentes internacionais, relatando o seguinte:

Vou saindo de meu país, não para fugir da luta e sim, para prosseguir juntos, lutando em outras terras, a fim de evitar a precipitação imediatista aventureira que só serve para atrapalhar a marcha da Revolução Brasileira. Prefiro andar mais devagar numa caminhada mais longa enfrentando os altos e baixos, os fluxos e refluxos, mais que seja um caminho seguro sem perigo de perder para a ultra-esquerda aventureira ou a direita aventureira reformista conciliatória dos antagonismos de classes [...] abraços fraternos a todos os amigos. Breve voltarei<sup>11</sup>.

Ao chegar à Suíça, Manoel se engaja nas lutas de acordo com as condições disponíveis. Entre 1976 e 1978 trabalha para aglutinar os sindicalistas que estavam na mesma situação de refugiados em vários países europeus. Nesse meio tempo, apesar da pouca educação formal, realiza palestras sobre regimes ditatoriais como o brasileiro e sobre direitos humanos. Essas discussões foram feitas com o apoio da Anistia Internacional na França, Alemanha, Itália, Bélgica, Holanda e na Argélia.

Pode-se dizer que o exílio representou um pouco mais de sossego e menos sofrimento para Manoel Conceição, uma vez que lá não sofreu tortura e nem foi tratado como bandido perigoso, pelo contrário, foi admirado e respeitado em todos os países em que passou. Mesmo assim, isso não significa dizer que Manoel não tenha sofrido por estar longe de seu país, pois sua luta não foi em prol apenas do Maranhão, visava um horizonte mais amplo; sonhava, como ainda hoje, com a construção de um mundo melhor para todas as pessoas. Essa é a ótica de todos os que lutaram por uma sociedade melhor, na qual os seres humanos pudessem viver em maior harmonia.

Durante três anos de exílio, Manoel não deixou de denunciar para o mundo a situação que o povo brasileiro passava nas mãos dos governos militares: nossos trabalhadores, estudantes, professores, artistas, líderes políticos foram duramente reprimidos por se oporem ao governo; o mesmo governo que enriquecia os mais ricos e empobrecia os mais pobres. A “manutenção da ordem” era mais importante que a manutenção do bem estar da sociedade brasileira.

---

<sup>11</sup> Revista *Veja*, em 8 de março de 1976, p. 28.

Na Holanda, Manoel participou de um ato público em 1978 que mobilizou o país. Na ocasião ele aproveitou para denunciar algumas irregularidades do governo brasileiro nos campos político e econômico, entre elas, a de comprar urânio enriquecido para a fabricação de uma possível bomba atômica. Em consequência da denúncia, criou-se um afastamento diplomático da Holanda em relação ao Brasil: num período de, pelos menos, dois anos eles não se relacionaram politicamente.

### **A luta partidária**

Em 1979, os exilados puderam voltar à sua terra. Entre os favorecidos, alguns preferiram ficar por mais tempo. O exterior significou, muitas vezes, uma forma de tentar recuperar o trauma da perseguição. Manoel, na primeira oportunidade, retorna; na chegada é esperado por milhares de pessoas no aeroporto, assim como outros exilados. O retorno de Manoel da Conceição de forma alguma significou a inércia de suas atividades na luta por um país melhor, a pouca abertura política concedida, sob pressão nacional e internacional, foi apenas mais uma oportunidade de luta.

Juntou-se a vários outros militantes da mesma causa para a organização de uma entidade que tivesse força para brigar, dentro dos princípios legais burgueses, em favor dos trabalhadores. Esse grupo formou a CUT, que hoje apesar de seus enormes problemas, é uma das maiores entidades do Brasil, criada por trabalhadores. No mesmo ano, já em Pernambuco, sentiu a necessidade de organizar uma entidade específica para trabalhadores rurais. Encontrando outros companheiros com o mesmo propósito, uniu-se na fundação do Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural - CENTRU, a lógica dessa entidade era o melhoramento da vida dos trabalhadores rurais, a partir de sua auto-organização.

O CENTRU começou com três categorias de contribuintes: primeiro a dos Trabalhadores Rurais que deveriam identificar os problemas e necessidades do grupo. Deveriam vislumbrar seus horizontes; a outra categoria era a dos trabalhadores na instância prático-intelectual, o objetivo era contribuir com os trabalhadores, na realização de projetos, sua missão não é apontar o que os trabalhadores devem fazer, mais devem se pautar em ajudar a definir e realizar determinados objetivos; a terceira categoria era composta daqueles participantes de honra com uma função basicamente teórica. Entre esses contribuintes passaram pessoas de renome nacional e internacional como Paulo Freire, Luiz Inácio Lula da Silva e vários intelectuais e artistas. Para Manoel da Conceição uma entidade

---

como essa é de fundamental importância porque *“O trabalho empírico por si só vai encontrar dificuldades para vislumbrar seus horizontes; o trabalho intelectual sem o mínimo de concretude se perde no irrealismo”*<sup>12</sup>.

No ano seguinte, Manoel participou de uma equipe a qual acreditava que a luta institucional no campo partidário poderia contribuir bastante para o objetivo de uma sociedade justa, socialista, pois a conquista dos espaços burocráticos, a conquista das instâncias de poder em escalas pequenas pode significar uma gradual conquista do poder em escala macro. Na visão de Mané, a luta armada que foi um elemento decisivo em outros países que fizeram uma revolução em favor dos trabalhadores, a exemplo da Rússia em 1917, da China em 1949, Cuba em 1959 e vários outros que fizeram o levante pelas armas, não daria certo no Brasil por vários motivos. Os movimentos das décadas de 20 e 30, liderados por sindicalistas e militantes da esquerda, foram todos reprimidos e extintos com certa facilidade; da mesma forma aconteceu mais recentemente, na Guerrilha do Araguaia.

A fundação de um partido político criado e dirigido por trabalhadores deveria ser uma alternativa recomendável, foi o que fizeram os primeiros fundadores do Partido dos Trabalhadores, dentre eles, Manoel da Conceição, terceiro filiado do partido, e muitos outros pelo Brasil afora. Manoel acompanhou especialmente a fundação do PT no nordeste, que começou pelos Estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Paraíba. Sua atuação, especialmente, se intensificou mais nessa Região, foi o primeiro presidente em Pernambuco em 1982 (antes, foi o segundo vice-presidente no estado de São Paulo). No mesmo ano em que foi presidente do partido em Pernambuco se colocou à disposição para ser candidato a governador do Estado.

Só podemos acreditar numa democracia que tenha como base a existência organizada dos trabalhadores como força viva na nação, com seus sindicatos, federações e confederações atuantes, livres dos pelegos e traidores que conciliam abertamente com os patrões e o regime. Para nós, que defendemos um regime democrático é defender a democracia no acesso a terra, é defender uma Reforma Agrária sob o controle dos trabalhadores; é defender a construção da central única dos trabalhadores, é defender eleições livres para cabos, soldados, marinheiros e analfabetos. Quem não empunha estas bandeiras e fala em democracia não está ao lado dos trabalhadores; tenta enganá-los demagogicamente<sup>13</sup>.

Apesar das propostas irem ao encontro da maioria dos desfavorecidos, houve um conjunto de fatores concretos e subjetivos que impediram Manoel da Conceição de ganhar essa eleição, entre eles o fator corrupção dos adversários foi um dos que mais contribuiu, na

---

<sup>12</sup> Entrevista concedida a Raimundo Lima dos Santos, em 06.07.05, no CENTRU, Imperatriz.

<sup>13</sup> Jornal *Caruaru*, 28/08 à 03/09/82. p. 7.

---

visão do candidato. Não cabe aqui fazer uma análise dos motivos da derrota, pois o mais importante é compreender os fins, mais que os meios. Manoel não deixou de atuar em favor de seus ideais, de contribuir com os trabalhadores.

Dois anos depois, já na cidade de Imperatriz no Maranhão, Manoel se reúne e discute com outras pessoas uma ramificação do CENTRU no Maranhão, com os mesmos propósitos da entidade fundada em Pernambuco; apesar de algumas diferenças operacionais, o sentido é o mesmo. Da fundação desta entidade até os dias atuais, sua existência é de muita importância para a realização de projetos em benefício dos trabalhadores do campo, especialmente no sul do estado. Graças a essa entidade foram criadas e organizadas associações e cooperativas pelo Maranhão, com a ajuda de recursos provindos de ONGS, órgãos governamentais brasileiros e estrangeiros. A partir do CENTRU foi possível a criação da escola sindical Padre Josimo<sup>14</sup>, que desenvolveu uma proposta de capacitação em cooperativas e a implantação de culturas permanentes em oito municípios do Maranhão.

No início da década de noventa, Manoel é um dos articuladores para a criação do Centro Nacional de Apoio às Populações Tradicionais – CNPT (atualmente, Instituto Chico Mendes). Paralela a criação desta entidade, Mané se coloca como um dos defensores e articuladores na criação da primeira reserva extrativista da Região Tocantina, a reserva do Ciriaco. O CNPT, desde a fundação, acompanha essa área com a elaboração de projetos, bem como em outros fatores relacionados à sua organização política e econômica. Além disso, o CNPT acompanha outros grupos de populações tradicionais pela região e defende a criação da nova reserva extrativista, a da Mata Grande (em processo de realização) nas proximidades de Imperatriz.

Participou da articulação da Rede Frutos do Cerrado em dez municípios, sendo apenas um no Tocantins. Esse projeto visa o desenvolvimento da cultura dos produtos nativos dessa região, visando, além do cultivo, a preservação e a defesa contra os devastadores que visam mais o lucro imediato que a preservação das riquezas vegetal e animal.

Em 1994, lança-se candidato a senador pelo PT, no Maranhão, sem perder os princípios políticos que sempre defendeu. Apesar de não ter sido eleito, teve a simpatia de 111 mil eleitores que votaram no projeto defendido por ele. Três anos depois, torna-se

---

<sup>14</sup> Padre Josimo morreu na região do Bico do Papagaio, assassinado por fazendeiros, insatisfeitos com a luta do padre em favor da reforma agrária.

---

coordenador nacional do CENTRU, além da coordenação maranhense, fez parte ainda do Conselho Nacional dos Seringueiros.

### **O trabalho cooperativo**

Depois dessa campanha política, praticamente não esteve envolvido com o partido na esfera burocrática. Seus trabalhos, desde então, têm se dado mais no âmbito social, não partidário, pelo menos de forma direta. Manoel tem se dedicado bastante às atividades de organizar cooperativas no Maranhão, desde 1992 vem tentando consolidar um projeto de criação de pequenos animais, acompanhado de implantação de culturas permanentes, na ótica do cooperativismo. Para fortalecer essa proposta, Manoel vem trabalhando com outras lideranças, os Grupos de Produção de Base (GPB's). Com esse modelo, organizaram pequenos grupos para discutirem o que é melhor para a comunidade. Isso faz parte de uma prática que Manoel aprendeu em seus vários anos de convivência com movimentos e grupos. A organização começa abrangendo poucas pessoas, depois associações, cooperativas e daí por diante.

Manoel participou diretamente da criação de oito cooperativas, que na sua forma de ver é um instrumento imprescindível para o desenvolvimento de uma sociedade de forma mais harmoniosa. Foram criadas as cooperativas de Imperatriz, João Lisboa, Amarante, Montes Altos, Estreito, Riachão, São Raimundo das Mangabeiras, Loreto e Balsas. Sem contar com a atuação indireta da criação das cooperativas de Viana e Caxias, todas no sul do Maranhão.

Para Manoel, as entidades que lutam pelos trabalhadores rurais devem aproximar-se mais das cooperativas, assim ele acredita que há mais chances de fortalecer essas cooperativas e oferecer maiores vantagens aos trabalhadores. Sem a aproximação de entidades e grupos afins, Mané não acredita que possa algum trabalho social se desenvolver de forma eficiente, sempre correrá mais risco de fracassar <sup>15</sup>.

No ano de 2002, Manoel participou da criação da Central de Cooperativas do Maranhão, com o intuito de fortalecer os laços do cooperativismo no estado, conseqüentemente, consolidar valores solidários entre os agricultores. Ao lado da participação na esfera da cooperativa, procurou se engajar em atividades com a mesma bandeira como a Rede Frutos do Cerrado, que busca o desenvolvimento e preservação das frutas nativas com objetivo de proporcionar bem estar aos trabalhadores do Sul do

---

<sup>15</sup> Entrevista concedida a Raimundo Lima dos Santos, em 06.07.05, no CENTRU, Imperatriz.

Maranhão. Também se engajou na luta em favor da “economia solidária” (movimento de cunho internacional), intimamente relacionada à sua prática, fazendo parte do Conselho Nacional e da Comissão Gestora do Estado. A intenção é concretizar um modelo alternativo de sobrevivência material e cultural para as sociedades marginalizadas economicamente.

E quanto à participação partidária, desde a fundação do PT Manoel participa de suas atividades, no entanto, nos últimos anos tem se dedicado mais a atividades do CENTRU e da Central de Cooperativas Agro-extrativistas do Maranhão – CCAMA. Manoel da Conceição, aos 75 anos, viveu a maior parte da vida lutando em favor dos trabalhadores rurais, especialmente pelos trabalhadores do Maranhão. Pagou severas penas por isso, apesar disso, quando é interrogado sobre qual o seu maior sonho, ainda não está cansado de defender os mesmos propósitos:

O meu sonho, que tenho assim... desde muitos anos que eu venho perseguindo, é como eu chamo assim: a nossa libertação deste modelo de desenvolvimento capitalista em todos os planos, todos os sentidos; no sentido econômico, no sentido organizacional dos trabalhadores e trabalhadoras, no sentido cultural, no sentido do conhecimento científico e técnico; tá numa sociedade que não vê o trabalhador como uma força de trabalho, mercadoria; não vê o técnico, o cientista, com seu conhecimento como uma mercadoria, mas vê ele...tanto a força de trabalho do operário, do trabalhador rural como uma coisa necessária ao desenvolvimento, dentro de uma relação humana que a gente é dono da força, mas também é dono da propriedade e da produção. A gente também é dono do conhecimento científico e técnico, mas também é dono da propriedade, da produção, sabe? E dos meios que ela dispõe para o bem estar de todos. Quer dizer... mas não vê a força de trabalho e nem o conhecimento científico e técnico como uma coisa que é mercadoria, não passa de uma mercadoria que tem um valor (econômico), porque essas coisas são incomparáveis, entendeu? Você por exemplo... a força de trabalho, o conhecimento como se fosse o sol, a lua, as estrelas, as águas do mar, a terra, que não podia ser vistos nunca como mercadoria, mais como um produto da sociedade [...] <sup>16</sup>.

Para muitas pessoas, falar de uma sociedade justa é sinônimo de arcaísmo, é algo ultrapassado e sem mais possibilidades de dar certo, é mais fácil viver o individual e pregar o fracasso das tentativas. Para Mané, as pessoas perderam a capacidade de sonhar. Diferentemente, Manoel, até o momento, vive e acredita nessa sociedade, não apenas observando, mas contribuindo ativamente para esse projeto que, se não é o de construir um mundo melhor, deve ser pelo menos o de fazer um ser humano capaz de olhar além do próprio umbigo.

<sup>16</sup> Entrevista concedida a Raimundo Lima dos Santos, em 25.08.05, no CENTRU, Imperatriz.



### Referências Bibliográficas

ARCANGELE, Alberto. *O mito da terra: uma análise da colonização da pré-Amazônia maranhense*. São Luís: EDUFMA, 1987.

BLACKBURN, Fobin. *Depois da queda: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

BOBBIO, Norberto. *As ideologias e o poder em crise*. 4 ed. Brasília: Editora UnB, 1995.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

HOBBSBAWN, Eric. *A Era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEAL, Vítor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. 5 ed. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1975.

LUNA, Regina Celi Miranda Reis. *A terra era liberta*. São Luís: UFMA/Sec. Educação, 1984.

MARTINS, José de Sousa. *Expropriação e violência: a questão política no campo*. 2 ed. São Paulo: Editora Hucitec. 1982.

\_\_\_\_\_. *Os camponeses e a política no Brasil*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

SANTOS, Raimundo Lima dos. *A (não) reforma agrária de FHC: problemas e desafios no assentamento Alegria*. Imperatriz: Ética, 2007.

**Recebido em: 05/04/2010**

**Aprovado em: 17/05/2010**